

## O GÊNERO DISCURSIVO TEXTUAL MAPA: UM OLHAR LINGUAGEIRO SOBRE A CARTOGRAFIA ESCOLAR

MAPS AS DISCURSIVE AND TEXTUAL GENRE: A LANGUAGE APPROACH TO SCHOOL CARTOGRAPHY

Jean Cássio Lima<sup>1</sup>  
Luiz Antônio Ribeiro<sup>2</sup>

**RESUMO:** Já há algum tempo vem se ampliando o debate a respeito de notícias falsas e discursos tendenciosos sendo veiculados nas mídias. Essa é uma discussão que passa pelo entendimento dos gêneros discursivos e dos gêneros textuais ao se considerar seu caráter enunciativo e sociodiscursivo. Acontece que muitas vezes os mapas aparecem como parte dos textos com notícias falsas ou tendenciosas, podendo eles mesmos ser os veiculadores dessas notícias. Mas, por serem erroneamente considerados textos puramente técnicos, passam pelo leitor de forma menos crítica do que o texto escrito. Diante disso, esse trabalho tem por objetivo discutir os mapas como gêneros discursivos e textuais. Para isso, foram analisados dois mapas em livros didáticos de Ensino Médio em circulação por escolas públicas brasileiras. Como resultado discute-se a necessidade de um letramento cartográfico nas escolas, a partir das reflexões da Cartografia Escolar, como meio de tornar a sociedade mais crítica na leitura de textos do gênero mapa.

**Palavras-chave:** Gênero discursivo; gênero textual; gênero mapa; Cartografia Escolar; letramento cartográfico.

**ABSTRACT:** It's been a while since the debate regarding fake news and biased speeches disseminated in the media has been expanding. This is a discussion that involves the comprehension of discursive genres and textual genres considering their enunciative and socio-discursive character. It turns out that maps often appear as part of texts with false or biased news, and they may themselves be the carriers of this news. However, since they are erroneously considered purely technical texts, they pass by the reader in a less critical way than the written text. Therefore, this work aims to discuss maps as discursive and textual genres. For this, two maps were analyzed in high school textbooks in circulation in Brazilian public schools. As a result, it is discussed the need for cartographic literacy in schools, based on reflections on School Cartography, as a means of making society more critical when reading texts in the map genre.

<sup>1</sup> Mestre em estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Professor de Geografia e Itinerários Formativos de Ciências Humanas no Ensino Médio da rede de ensino SESI FIEMG e autor de material didático no mercado de editoração.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atua como Professor EBTT, no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, na Linha III - Linguagem, Ensino, Aprendizagem e Tecnologia; no curso de Letras: Tecnologias em Edição, e no ensino médio do Cefet-MG.

**Keywords:** Discursive genre; textual genre; map genre; School Cartography; cartographic literacy.

## Introdução

Pode parecer a alguns estudiosos das Linguagens que a discussão sobre gêneros já tenha passado por amplo debate, ainda que este seja um conceito em formação, como sugere Silva (2005). Contudo, esse não é um tema debatido amplamente nas Ciências Humanas, pelo menos não naquelas ligadas ao espaço geográfico. Percebemos como necessário um resgate do que já foi discutido sobre o assunto para, então, entender como relacioná-lo a esse campo do saber que é comumente sintetizado em mapas.

Apesar de muitas vezes tratado como um instrumento puramente técnico, os mapas são carregados de intencionalidades e discursos como qualquer outro texto. Essa discussão ganha ainda mais relevância na medida em que eles são amplamente difundidos em noticiários, campanhas publicitárias, comunicações oficiais de governos, entre outros veículos midiáticos. Normalmente, são recebidos com pouca crítica pelos leitores, diferente do texto escrito, o qual já passou por um debate mais amplo na perspectiva de gêneros. Mas assim como as letras, os mapas também podem conter informações falsas ou tendenciosas.

Um dos primeiros contatos com o gênero mapa acontece na escola, principalmente por meio dos livros didáticos durante as aulas do componente curricular Geografia. A Cartografia Escolar é uma interface entre educação, Geografia e Cartografia. Difere-se da Cartografia trabalhada por profissionais como cartógrafos, geógrafos, arquitetos, entre outros, que se debruçam na reflexão e desenvolvimento de técnicas cartográficas e no ato de cartografar em si. (Almeida, 2002). Pela Cartografia Escolar espera-se que os alunos sejam alfabetizados e letrados em mapas possibilitando-os fazer leituras críticas do mundo espacializado.

Neste sentido, neste artigo objetiva-se analisar mapas como gêneros a partir de uma abordagem discursiva e textual. Para isso, além de levantamento bibliográfico, foram analisados dois mapas em circulação em livros didáticos de Ciências Humanas em circulação em escolas públicas, da editora FTD, aprovados pelo PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) de 2021. Trata-se da Coleção Multiversos do segmento Ensino Médio.

## 1 O gênero discursivo mapa sob a ótica bakhtiniana

Bakhtin (2016) discute gêneros discursivos a partir da ideia de que as mais diversas atividades da humanidade sejam intermediadas pela linguagem. Esse uso da língua se dá por meio de enunciados que, por sua vez, estão indissociavelmente ligados ao que ele chama de conteúdo temático, estilo e construção composicional. O conteúdo temático refere-se ao tema pelo qual se elabora um enunciado; o estilo é a marca ou traço identitário que relaciona o enunciatador ao seu contexto social; e a construção composicional diz respeito à estruturação do gênero em sua completude, processo este que envolve procedimentos, relações, disposição, organização e acabamento do discurso.

Cada ato de comunicação de um ser humano, individualmente, representa um enunciado. Os enunciados apresentam elementos que os tornam relativamente estáveis, ou seja, munidos de características que os diferenciam dos demais e que sofrem adaptações de acordo com a intencionalidade comunicativa. Esses tipos relativamente estáveis de enunciados são o que Bakhtin (2016, p. 11-12) denomina gêneros do discurso ou discursivos.

A partir dessa breve conceituação, entendemos os mapas como parte desses enunciados relativamente estáveis. Existe um conteúdo temático partilhado por todas as cartografias: mapas, por excelência, representam espaços ou superfícies. Sejam elas do mundo real ou literário. É certo que quais espaços ou superfícies deseja-se representar em um mapa e com quais objetivos, varia significativamente. Mas não há como cartografar sem considerar a representação de uma localidade como conteúdo temático. Richter (2017) corrobora com essa ideia ao afirmar que

por mais distintas que sejam as técnicas ou as referências que interferiram na produção cartográfica ao longo dos anos, é forte o ponto de conexão entre os diferentes mapas a partir do seu objetivo, que é de representar o espaço (geográfico) e nos possibilitar a localização dos lugares ou de determinados fenômenos (Richter, 2017. p. 283).

Sobre o estilo, apesar das convenções que formam os componentes de um mapa, há certa liberdade que dá o tom de cada cartógrafo no momento de escolher o recorte da área a ser representada, ou os intervalos que serão utilizados na medição de um dado espacial, ou ainda, na paleta de cores que representará a sua informação, entre outros. Há mapas que se relacionam a determinados cartógrafos, laboratórios ou universidades em específico simplesmente por seu traço estético. Essas diferenças de estilo não invalidam o gênero mapa, pelo contrário, validam-no pela teoria bakhtiniana.

Por fim, a construção composicional de um mapa diz respeito aos seus elementos estruturantes. Nos mapas, trata-se dos elementos ou componentes do mapa que os distinguem das demais imagens. São eles o título, a legenda, a orientação de norte, as escalas numérica e gráfica, as coordenadas geográficas, além da fonte e da autoria. Nogueira (2008) faz uma descrição detalhada desses componentes além de outros elementos importantes para a forma composicional dos mapas.

Ainda sobre a não invalidação do gênero a partir das diferenciações de estilos, Bakhtin (2016) diz que

[...] a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem: se os examinarmos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinarmos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo já se trata de fenômeno estilístico. Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico (Bakhtin, 2016. p. 22).

A gramática, no contexto desse estudo, pode ser interpretada como os componentes do mapa. Essa citação de Bakhtin (2016) também nos leva à matemática do gênero mapa.

Consideremos a geometria da Terra<sup>3</sup>. Trata-se de um geóide com todas as suas deformidades e rugosidades. Do nível do mar, que os geógrafos chamam de nível de base, estendem-se superfícies das mais variadas alturas que podem ir de 0 a 8,8 km de altitude, como é o caso do Monte Everest, o mais alto de todos. Além disso, pelo movimento de rotação do planeta acontece o achatamento dos polos. Com toda essa complexidade geométrica, os engenheiros cartográficos simplificaram o planeta em uma esfera para fins de representação e cálculo. Essa iniciativa vem a calhar aos professores de Geografia em seus fins didáticos.

Tomada a Terra, agora, como uma esfera, pode-se aplicar as propriedades dessa figura geométrica. A soma dos 180° de longitude leste e 180° oeste a partir do Meridiano de Greenwich dando uma volta completa na Terra, resulta nos 360° da circunferência de cada um dos paralelos dessa esfera. A soma dos 90° graus norte e 90° sul a partir da Linha do Equador até os polos resulta em 180°, ou a semicircunferência de cada um dos meridianos dessa esfera. As 24 horas do dia, que se distribuem ao longo do planeta simultaneamente de acordo com a posição do Sol, são distribuídas em 24 fusos de 15° cada. O produto entre 24 e 15 é 360, novamente, como a circunferência de cada um dos paralelos.

Com toda essa discussão exata da forma da Terra – talvez enfadonha para os estudiosos das linguagens e das humanidades – pode parecer que não haja espaço para enunciações no momento de representá-la. Contudo, com exceção dos quase obsoletos globos das bibliotecas e escritórios e dos aplicativos da Cartografia Digital, como o *Google Earth* – em que a Terra aparece nas telas como um globo digital interativo – os mapas não representam a Terra como uma esfera, uma figura tridimensional. Eles a mostram como um plano impresso em um livro didático ou em qualquer outro veículo didático, midiático ou informacional, ou ainda, em uma tela interativa desses mesmos veículos em meio digital. Ou seja, o gênero mapa representa uma esfera em um plano – o planisfério – ainda que seja apenas uma fração desse globo. Esse processo pode ser feito de diferentes formas que são as chamadas projeções cartográficas. Essas projeções podem ser cilíndricas, cônicas ou azimutais e a cada uma delas cabem diferentes cálculos e modos de fazê-lo. Acontece que cada um desses modos, inevitavelmente, gera distorções na superfície do planeta representado, podendo aumentar ou diminuir a área de certas partes do globo no mapa. Percebemos já na escolha do mapa base, ou seja, aquele ainda sem informações, o que Bakhtin (2016) chama de ato estilístico. Indo além, essa escolha revela até mesmo um ato discursivo, uma vez que a predominância da geodésia eurocêntrica nos expõe desde há muito tempo, à projeção cilíndrica de Mercator, que distorce a superfície representada alargando as regiões próximas aos polos, dando à Europa um espaço de representação no planisfério maior do que é sua proporção real.

Bakhtin (2016) classifica os gêneros como primários (simples) e secundários (complexos). Os primários se concretizam em relações cotidianas, imediatas e se manifestam, por exemplo, em um diálogo ou em uma carta. Já os gêneros secundários, mais complexos, mobilizam conhecimentos artísticos, científicos, entre outros. Esse é o caso do gênero mapa, que exige a mobilização de conhecimentos como fenômenos humanos ou da natureza, estéticos e de leitura gramatical e numérica para sua compreensão.

A discussão sobre a matemática dos mapas e suas enunciações vai além das projeções cartográficas. A escolha de um intervalo de representação de um dado – se em quebras naturais, intervalos iguais, quantis ou manual – também pode alterar a leitura de um mapa ao modificar a distribuição das cores de cada intervalo, dando destaque no mapa às áreas que o cartógrafo

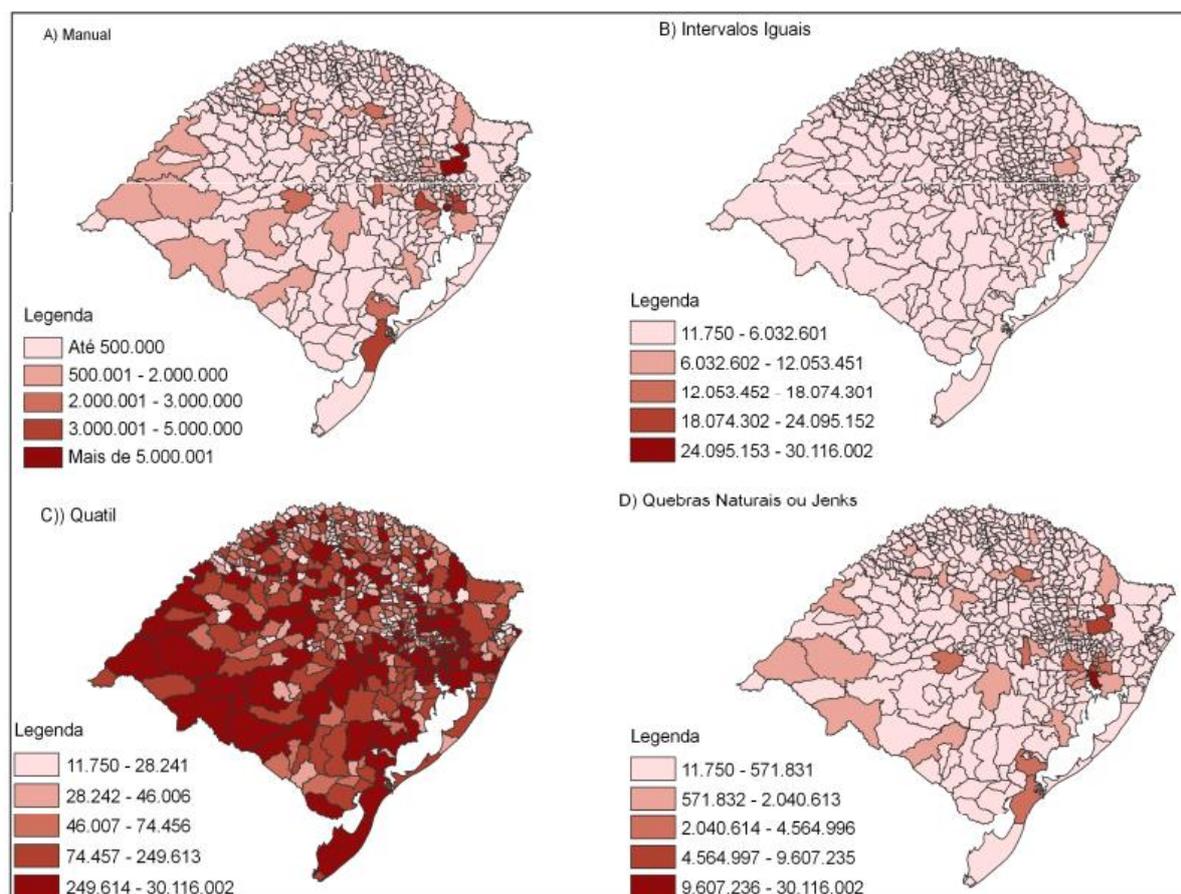
---

<sup>3</sup> A geodésia é a ciência que estuda as formas e as dimensões da Terra. Tuler e Saraiva (2016) discutem sobre o assunto.

achar mais relevante<sup>4</sup>. Na Figura 1, o resultado visual de cada um dos mapas pode levar a interpretações as mais diversas possíveis. Também a escala de representação pode revelar ou ocultar objetos de acordo com o propósito enunciativo do autor do mapa. Relaciono essa discussão ao que Bakhtin (2016) argumenta sobre a tonalidade dialógica dos enunciados:

Por mais monológico que seja o enunciado (por exemplo, uma obra científica ou filosófica), por mais concentrado que esteja no seu objeto, não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo que já foi dito sobre dado objeto, sobre dada questão, ainda que essa responsividade não tenha adquirido uma nítida expressão externa: ela irá manifestar-se na tonalidade do sentido, na tonalidade da expressão, na tonalidade do estilo, nos matizes mais sutis da composição. O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. (Bakhtin, 2016. p. 58 - 59. Grifo do autor).

Figura 1 - Intervalos de representação de dados



Fonte: Pires; Aguiar; Tartaruga. 2006.

Na Figura 1 há quatro mapas. Todos eles representam a mesma informação: o Produto Interno Bruto (PIB), ou seja, a riqueza total produzida em cada um dos municípios do estado do Rio Grande do Sul, todos no mesmo intervalo de tempo. Essa informação é representada,

<sup>4</sup> Matsumoto, Catão e Guimarães (2017) fazem uma discussão mais aprofundada desse assunto.

contudo, com distintas escolhas de intervalos de representação do dado em cada um dos mapas. No primeiro, a escolha foi manual, ou seja, o cartógrafo definiu o critério dos intervalos. No segundo, a representação foi por intervalos iguais, ou seja, cada um deles possui a mesma faixa de riqueza, aproximadamente R\$6.000.000 em cada. No terceiro, a representação foi por quartil. Nesse modelo há uma quantidade de municípios equivalente ou próxima disso em cada um dos intervalos. Por fim, no quarto mapa, foram escolhidas as quebras naturais. Nesse caso, o software de mapeamento identifica os intervalos mais próximos entre si e forma quebras que distinguem cada um desses intervalos. Assim, um município com PIB muito alto pode ficar em um intervalo diferente de vários outros de PIB médio, que por sua vez, ficam separados dos de PIB mais baixo.

Todos os mapas são fidedignos e apresentam a mesma informação. Mas as diferentes escolhas de intervalos deram a eles aparências muito distintas que podem levar a interpretações diferentes pelo leitor. O mapa de intervalos iguais faz parecer que o município mais rico em destaque (no caso, Porto Alegre, a capital do estado) seja muito mais rico que os demais. No mapa de intervalos em quartil, o município mais rico se dilui entre os demais que ocupam o topo da lista, passando mais despercebido. Nesse caso, os municípios de maior área e não de maior riqueza, ficam em destaque. Essa escolha de diferentes intervalos é um exemplo das tonalidades dialógicas explicadas por Bakhtin (2016) aplicadas a mapas.

Aprofundando sobre o papel discursivo do gênero, Bakhtin (2016) afirma que o receptor, ou seja, o ouvinte ou leitor de um enunciado, possui papel ativo no processo de comunicação. O seu conhecimento prévio, suas vivências, suas interpretações de mundo dão o tom de como ele processará o enunciado e qual prosseguimento dará na comunicação.

De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), contempla-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (Bakhtin, 2016, p. 24, 25).

Sendo o mapa um gênero secundário, assumimos que ele demanda multiletramento<sup>5</sup> para a interpretação do enunciado. Além do letramento linguístico, são necessários letramentos científico - nas humanidades e na natureza -, numérico, em cores e, no caso dos mapas de aplicativos, letramento digital. A mobilização desses letramentos é fundamental para promover o letramento cartográfico. Se as escolas não formam estudantes multiletrados, ela restringe as possibilidades e diversidades de leituras também de mapas. Embora o receptor seja sempre ativo no processo discursivo, a sua limitação de recursos de compreensão pode gerar ruídos entre o que o emissor gostaria de representar com o enunciado e o que o receptor de fato compreende.

No letramento cartográfico, para além do domínio dos componentes de um mapa pelo receptor, é preciso desenvolver também um pensamento crítico sobre o mundo. Bakhtin (2016, p. 35, 36) não trata os gêneros discursivos unicamente como sistemas de palavras, de língua. Um enunciado só gerará uma ação ativa entre emissor e receptor, quando houver

---

<sup>5</sup> A pedagogia multiletramento é um conceito desenvolvido pelo Grupo Nova Londres (Cazden *et al.*, 2021). Trata da mobilização de múltiplos letramentos que se relacionem com a diversidade de representações de mundo dos estudantes da Educação Básica de uma sociedade globalizada.

contextualização da língua com o mundo vivido. Da mesma forma, os mapas se tornam discurso a partir do momento em que o receptor compreende que ali há uma realidade representada. Seja ela humana, da natureza ou literária. Segundo ele, “Para isso, não basta que o enunciado seja compreendido no sentido de linguístico. Uma oração absolutamente compreensível e acabada, se é oração e não enunciado constituído por uma oração, não pode suscitar atitude responsiva.” (Bakhtin, 2016, p. 35, 36, grifo do autor). Essa interação entre o que é dito, escrito, cartografado, entre outros, e os seus sentidos de mundo prévios, implícitos ou explícitos no enunciado, é o que Bakhtin (2016) chama de dialogismo ou tonalidade dialógica.

O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (Bakhtin, 2016, p. 59, grifo do autor).

A abordagem do gênero mapa a partir dos gêneros discursivos de Bakhtin (2016) é uma possibilidade de abertura de pontes entre o pensamento geográfico e o discurso. Fundamentando-se no aporte teórico bakhtiniano, Bronckart (1999) propõe o estudo do texto como unidade comunicativa. Essa concepção nos leva a estabelecer similitudes entre textos e o gênero mapa, principalmente no que diz respeito ao funcionamento sociocomunicativo de ambos. Trataremos dessa questão a seguir.

## 2 O gênero textual mapa sob a ótica do Interacionismo Sociodiscursivo

Outro importante autor na discussão sobre gêneros é o suíço Bronckart (1999), fundador do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), corrente de caráter teórico e metodológico, cujo objetivo é explicar questões epistemológicas referentes às produções verbais humanas, bem como fornecer instrumentos de análise para tais produções. O autor assim explica as concepções epistêmicas do interacionismo social:

A expressão **interacionismo social** designa uma posição epistemológica geral, na qual podem ser reconhecidas diversas correntes da filosofia e das ciências humanas. Mesmo com a especificidade dos questionamentos disciplinares particulares e com as variantes de ênfase teórica ou de orientação metodológica, essas correntes têm em comum o fato de aderir à tese de que as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de **socialização**, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos **instrumentos semióticos**. (Bronckart, 1999, p. 21, grifos do autor).

Abrimos aqui uma breve discussão sobre a relação entre as Ciências Humanas e os Estudos de Linguagens para então voltar à discussão de Bronckart (1999), relacionando-as.

É significativa a contribuição do interacionismo social para o entendimento da existência humana em sua complexidade. Se por um lado a ciência cartesiana fragmentou e

compartimentou o conhecimento, o interacionismo social é uma das possíveis vertentes de conexão entre os saberes, ou ao menos parte deles. De certa forma é o que se propõe neste texto ao estudar os mapas – um instrumento das ciências humanas e da Terra – à luz do pensamento das Linguagens.

Milton Santos (2013) também já caminhou nesse sentido. Um dos maiores nomes da Geografia brasileira, Santos (2013, p. 62), analisando as relações da técnica, do espaço e do tempo evoca Eugenio Coseriu (1959) e Saussure citado por Saucerotte (1971) na discussão sobre sincronia e diacronia. Na ocasião, ele argumenta que no sistema linguístico, um idioma é formado por palavras e expressões que datam de diferentes momentos históricos (diacronia) bem como aqueles do tempo presente (sincronia). Assim, falamos com elementos linguísticos herdados do passado e com elementos que se constituem no presente. Desta forma é também a paisagem, categoria de análise do espaço, objeto de estudo da Geografia. A paisagem é formada por elementos sociais históricos e do presente, tal como a língua em Saussure. Esses elementos, por sua vez, são intermediados pelo que Santos (2013, p. 57-59) chama de técnica:

Técnicas agrícolas, industriais, comerciais, culturais, políticas, da difusão da informação, dos transportes, das comunicações, da distribuição, etc.; técnicas que, aparentes ou não em uma paisagem, são, todavia, um dos dados explicativos do espaço. Tais técnicas não têm a mesma idade e, desse modo, pode-se falar do anacronismo de algumas e do modernismo de outras, como, naturalmente, de situações intermediárias. Essas técnicas se efetivam em relações concretas, relações materiais ou não, que presidem a elas, o que nos conduz sem dificuldade à noção de modo de produção e de relações de produção. (Santos, 2013, p. 57).

Voltando a Bronckart (1999, p. 34-35), ele elucida a manifestação da atividade social humana – o que Santos (2013) chama de técnica – por meio da linguagem em padrões semióticos:

A linguagem é, portanto, primariamente, uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática. É só sob o efeito da confrontação do valor *ilocutório* das produções dos interactantes que se estabilizam progressivamente os **signos**, como formas compartilhadas (ou convencionais) de correspondência entre representações sonoras e representações de entidades de mundo (Bronckart, 1999, p. 34-35, grifo do autor).

Diante do exposto, Bronckart (1999, p.38) chama, então, de gêneros de textos, a representação dos discursos, ou seja, dos componentes da atividade social humana – das técnicas – por meio da linguagem. Se os discursos são as intencionalidades da ação humana durante a comunicação, expressas de modo único e intangível, os gêneros de textos são a materialização desses discursos, que podem então ser estudados e analisados a partir dessa concretude.

Os mapas representam os fenômenos do espaço, portanto, eles representam técnicas, ou aquilo que resulta da ação dessas técnicas na paisagem – a categoria de concretude dos geógrafos. Sendo eles um tipo de texto, os mapas representam, então, discursos materializados a

partir do entendimento de gênero textual de Bronckart (1999). Assim, mapas podem ser vistos, nessa perspectiva, como gêneros textuais que não apenas materializam os discursos, como também sintetizam a paisagem, que é a materialização das técnicas. Discurso e técnica, categorias de análise abstratas das Linguagens e das Ciências Humanas, ganham materialidade nos mapas.

### 3 O gênero discursivo textual mapa

Diante do exposto até aqui, existe um impasse entre os estudiosos das Linguagens em relação a qual abordagem adotar em seus estudos: se a de gêneros discursivos/do discurso de Bakhtin (2016) ou de gêneros textuais/de texto de Bronckart (1999), ou ainda, se ambas as abordagens. Essa escolha varia de autor para autor, e mesmo de estudo para estudo de um único autor.

Rojo (2014) analisa as duas abordagens apontando seus pontos de consenso e dissenso. Ela ressalta a importância de ambas, mas, nas considerações finais de seu texto (p. 207), faz um aceno mais positivo à bakhtiniana quando se trata do ensino escolar no Brasil em razão do seu caráter mais discursivo e menos gramatical. Ela ainda afirma:

Ao descrever um (*corpus* de) enunciado(s) ou texto(s), essa é a busca do analista bakhtiniano: a busca da significação, da acentuação valorativa e do tema, indicados pelas marcas linguísticas, pelo estilo, pela forma composicional do texto. Talvez por isso a designação *gêneros do discurso*. Ao contrário, na abordagem até aqui descrita – a de *gêneros textuais* – parece ser interessante fazer uma descrição mais propriamente textual, quando se trata da materialidade linguística do texto; ou mais *funcional/textual*, quando se trata de abordar o gênero, não parecendo ter sobrado muito espaço para a abordagem da significação, a não ser no que diz respeito ao “*conteúdo temático*” (Rojo, 2014. p. 189. Grifos da autora).

Os gêneros discursivos de Bakhtin (2016) são a representação da ação humana no ato da enunciação, ou seja, os discursos. Os gêneros do texto de Bronckart (1999) são a manifestação física desses discursos, ou seja, aquilo que é tangível. Trataremos os mapas como gêneros tanto em suas intencionalidades, ou discursos, quanto em sua materialidade. Daí a escolha do termo *gênero discursivo textual mapa* nesta escrita.

Aqueles que não estão familiarizados com essa conversa podem se perguntar: “mas, afinal, o que se enquadra e o que não se enquadra como gênero?”. Podemos citar alguns que comumente trabalham na Educação Básica, principalmente os professores de Língua Portuguesa: a carta argumentativa, o artigo de opinião, a poesia, as receitas culinárias, entre outros. Professores de outras áreas do conhecimento também trabalham gêneros discursivos textuais, mas, na maioria das vezes, sem uma reflexão a esse respeito. É natural, já que essa não é uma discussão presente na formação de professores das áreas das ciências Humanas, Exatas ou da Natureza. Entre esses gêneros citamos os mapas, amplamente trabalhados na Geografia.

Apesar das generalizações abordadas nessa discussão sobre a noção de gênero, há dois grandes consensos que comumente permeiam o conceito – que podem passar por releituras de acordo com diferentes autores:

- gêneros pretendem expressar a comunicação de algo, de acordo com o que e como determinada comunidade se comunica;
- gêneros possuem uma forma e uma estrutura que lhes dão singularidade e os distinguem dos demais.

No caso do gênero mapa, comunicam-se os fenômenos do espaço.

#### 4 O gênero mapa na Cartografia Escolar

Partamos agora para uma discussão do gênero discursivo textual mapa a partir daqueles representados nas Figuras 2 e 3. Trata-se de mapas extraídos da Coleção Multiversos de livros didáticos de Ciências Humanas assinado por Boulos Júnior (2020).

Figura 2 – Primeiro mapa analisado



Fonte: Adaptado de Boulos Júnior (2020a, p.85).

Figura 3 – Segundo mapa analisado

## » Planos chineses de extensão ferroviária (2018) **TÍTULO**



Fonte: LOWTHER, E.; CALVER, T. Las megamáquinas de la nueva Ruta de la Seda con las que China está conectando al mundo. **BBC News**, 22 jul. 2018. Disponível em: **FONTE** <https://www.bbc.com/mundo/noticias-44874799>. Acesso em: 2 set. 2020.

Fonte: Adaptado de Boulos Júnior (2020b, p.142).

Primeiramente, lancemos luz sobre as intencionalidades discursivas de ambos os mapas. Levando-se em consideração que estão presentes em livros didáticos de Ensino Médio, seu objetivo é servir como apoio didático, seja para ampliar a discussão dos conteúdos em que se inserem (nos casos analisados, missões jesuíticas no Brasil e planos chineses de extensão de sua zona de influência), seja para auxiliar o processo de letramento cartográfico.

Aqui temos um ponto importante da Cartografia Escolar. Seu caráter é mais pedagógico do que de propagação de discursos ideológicos – implícitos ou explícitos – mais comuns em mapas de portais de notícias, estudos acadêmicos ou publicidade de produtos. Contudo, algumas observações podem ser feitas a partir desses mapas.

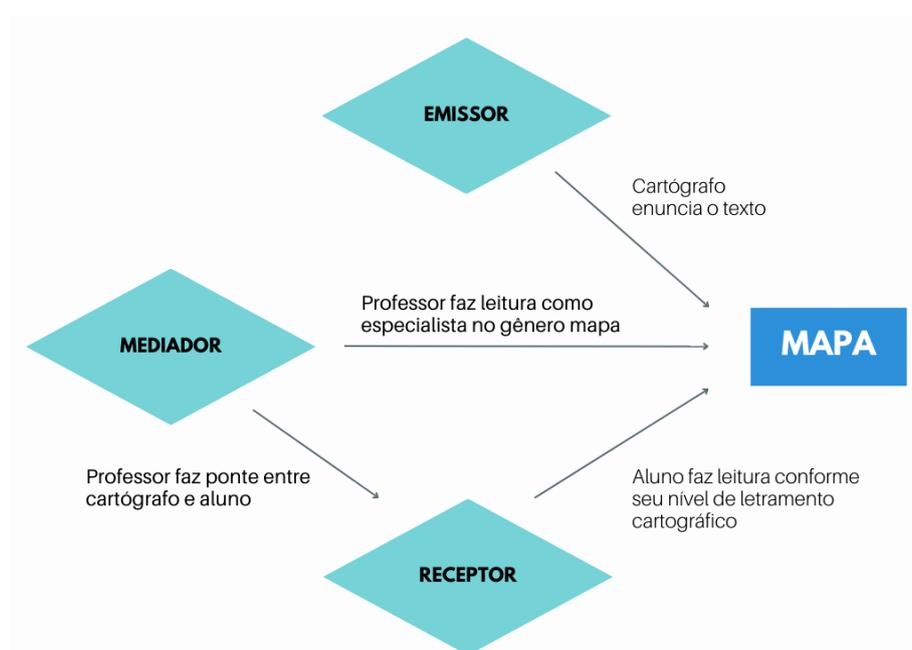
No mapa da Figura 2 o enunciado concentra-se na área de dispersão das missões jesuíticas no Brasil. Um dos destaques descritos no topo da legenda é as áreas de apresamento de indígenas. Aqui cabem algumas reflexões. Essa parte da história da igreja católica, e do Brasil, está associada a um sofrimento humano, dos indígenas. A ausência dos dois polígonos indicando essas áreas de apresamento não comprometeria o entendimento do enunciado. Contudo, esse destaque eleva o texto a um nível de reflexão mais profundo. Não apenas localiza as áreas das missões, como também as relaciona a um processo de ruptura com as ordens indígenas até então vigentes. A Coleção Multiversos atende livros didáticos de circulação em escolas públicas brasileiras, que de certa forma, buscam evidenciar a história do país a partir de suas três matrizes: a indígena, a europeia e a africana. Diante disso, pergunta-se: as escolas

confessionais de fé católica adotariam obras didáticas que trouxessem textos, entre eles mapas que relacionem a história da instituição religiosa ao acultramento massivo de povos originários? O objetivo aqui não é problematizar tal questão, mas evidenciar as possibilidades discursivas a partir dos interesses de quem trabalha a Cartografia Escolar.

Já no mapa da Figura 3, um elemento que chama a atenção é que há uma quantidade significativa de países representados no mapa, mas apenas alguns ganharam designação por escrito e destaque em outra cor. Esse destaque não foi tratado na legenda do mapa, então cabe ao leitor fazer uma interpretação já que o cartógrafo não deixa explícito. Da esquerda para a direita, são eles: Nigéria, Turquia, Quênia, Cazaquistão, Tailândia e Laos. Essa escolha não é aleatória. São países que dialogam com a proposta do mapa, que é representar os planos chineses de extensão ferroviária. Percebe-se que neles se concentram as linhas tracejadas que são exatamente as áreas de expansão do modal ferroviário. Há, por exemplo, um país e uma linha contínua que abrangem mais área no mapa, mas não ganham o mesmo destaque: a Rússia e sua extensa ferrovia já existente e em operação há anos, a Transiberiana. Ambos se localizam, inclusive, no topo do mapa. Ainda assim, não há destaque para a Rússia em relação ao que é tratado nesse mapa. Isso porque a Transiberiana serve aos interesses chineses, mas em essência, trata-se de um projeto russo que atende em primeiro lugar aos interesses desse povo. Portanto, não é centralidade da discussão do mapa que trata de projetos essencialmente chineses. Sem comprometer a leitura do mapa, o autor poderia deliberadamente ocultar o nome de alguns desses países se não quisesse lançar atenção sobre eles. Assim, a simples escolha de rotular os seus nomes implica um ato discursivo.

Convém levar em consideração um fator sobre a leitura de mapas na Cartografia Escolar. Muitas vezes, a relação não se dá diretamente entre emissor-receptor, mas sim entre emissor-mediador-receptor como mostra a Figura 4.

Figura 4 - Esquema Emissor-Mediador-Receptor



Fonte: elaborado pelos autores.

O papel do mediador (professor) é fazer uma ponte entre o que o emissor (cartógrafo) enuncia no mapa e o que o receptor (aluno) lê. A partir disso, é interessante pensarmos o conceito de dialogismo de Bakhtin (2016) pelas leituras de mundo de que não apenas o aluno dispõe, mas também as que o professor domina. Daí a importância de uma formação docente de qualidade. Isso favorece que o professor faça uma mediação pedagógica mais sofisticada entre o enunciado do mapa e a sua leitura pelo aluno. Como analisar as interações sociodiscursivas do mapa se o professor não faz uma leitura complexa do mundo?

Vigotski (1999) lançou luz a respeito dessa mediação pedagógica. Para o autor, existe um tipo de conhecimento já dominado pelo aluno, o conhecimento real. Há também um outro conhecimento, aquele desejável que o estudante alcance, o conhecimento potencial. Na intenção de que o aluno avance do conhecimento real para desenvolver o conhecimento potencial, é preciso que o professor reconheça sua Zona de Desenvolvimento Proximal. Ou seja, aquele conhecimento que o aluno ainda não acessou por completo, mas que com mediação pedagógica conseguirá atingir.

A forma composicional do gênero mapa é constituída pelos componentes do mapa como já discutido anteriormente. São eles: título, orientação de norte, escala gráfica, fonte, legenda e autoria, presentes nos mapas das figuras 2 e 3, além de coordenadas e escala numérica que foram ocultados. Os componentes foram legendados em vermelho pelos autores dessa pesquisa em ambos os mapas.

Destaquemos alguns desses componentes. Em primeiro lugar os ocultados. Por tratar-se de uma cartografia com fins didáticos, não é esperado que os alunos façam cálculos de rigor cartográfico da distância percorrida pelo bandeirante Antônio Raposo Tavares ou da extensão das ferrovias chinesas. Desta forma, o ocultamento desses componentes deixa o mapa menos “poluído” de informações. Contudo, esse ocultamento impossibilita o uso desses mapas caso o professor deseje trabalhar a alfabetização cartográfica no que se refere ao cálculo de distâncias reais em um mapa, identificação de coordenadas geográficas ou cálculo de fuso horário, por exemplo. É interessante que as editoras dos livros didáticos se preocupem em não ocultar esses elementos em todos os seus mapas, para que o professor tenha possibilidade de trabalhar esses tópicos.

Outro componente a ser destacado é a autoria em cada um dos mapas. Nos dois há uma assinatura no canto inferior direito, fora da moldura dos mapas. “ALLMAPS” no mapa da Figura 2 e “DA COSTA MAPAS” no mapa da Figura 3. Tratando-se de autores distintos, cabe a discussão sobre estilo de Bakhtin (2016). Contudo, ainda que sejam autores diferentes nesses mapas, supomos que a editora forneça padrões de estilo que devem ser seguidos por todos os contratados. Ainda assim, percebe-se alguns traços distintos, como o tamanho da fonte que indica os nomes dos oceanos, sendo proporcionalmente muito maior no segundo mapa do que no primeiro. Além disso, a escolha de cinza ou amarelo claro para representar as terras emersas ou países no exterior do Brasil e da China, podem ser traços estilísticos dos autores. Destaca-se também o tamanho dos textos das legendas, título, fonte e a própria autoria que, no segundo mapa, são muito maiores e legíveis do que no primeiro. A princípio, são apenas escolhas estilísticas, mas a depender de como se dão essas escolhas, há possibilidade de se evidenciar áreas distintas do mapa, o que denotaria um discurso nesse texto.

A análise dos mapas aqui apresentados permite reflexões a respeito desse gênero discursivo textual. Apesar de seu cunho pedagógico, presentes em livros didáticos, são cartografias permeadas por tonalidades dialógicas. Quanto mais serão os mapas que os estudantes lerão ao longo de suas vidas em diferentes meios midiáticos. Tais mapas sim, muitas vezes, serão lidos em contextos diversos, podendo expressar forte cunho político-ideológico,

ainda que implicitamente, ainda que despercebido por tantos. Daí a importância de um letramento cartográfico na Educação Básica, para que o professor, no papel de mediador pedagógico, contribua para o desenvolvimento potencial de multiletramento dos alunos. Aí então serão leitores críticos do gênero mapa, capazes de analisar de forma sofisticada os enunciados que se apresentarem entre linhas, ou melhor dizendo, entre traços.

### Considerações Finais

Ao relacionar a discussão de mapas aos conceitos e teorias dos estudos de Linguagens, relativos aos gêneros discursivos e aos gêneros textuais, esperamos fomentar pontes entre professores das áreas de Humanas e Linguagens. Além disso, foi nosso intuito mostrar que a ciência, quando vista de forma integrada, é capaz de potencializar as possibilidades de entendimento de mundo. Somente com conhecimento podemos exercer cidadania e transformar as realidades que vivemos. Que este trabalho sirva de inspiração para outras pontes, também com as disciplinas de Exatas e de Natureza.

No contexto da Cartografia Escolar, jamais deve-se perder de vista a importância da valorização da carreira docente. Os professores, como intermediários no processo dialógico do gênero mapa em sala de aula, devem ser sensíveis aos discursos cartográficos. Essa ação tem o poder de tornar o estudo de mapas mais atrativo para os alunos e, com isso, quem sabe, diminuir a frequência de estudantes que achem essa discussão distante de sua realidade ou enfadonha.

O letramento cartográfico, promovido principalmente por professores de Geografia, é um caminho para que nossa sociedade seja mais crítica em relação à leitura de mapas e não seja cooptada por discursos disfarçados em representações tidas como puramente técnicas. Defendemos que os mapas sejam tratados junto a outros gêneros na discussão sobre notícias falsas ou pós-verdade, principalmente no mundo digital. O entendimento dos mapas como um gênero discursivo textual é uma boa direção nesse sentido.

### Referências

- Almeida, R. D. de. *Cartografia Escolar*. São Paulo: Contexto, 2002.
- Bakhtin, M. M. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p.11-107.
- Boulos Júnior, A. Multiversos: ciências humanas: globalização, tempo e espaço. In: Boulos Júnior, A.; Cândido da Silva, A.; Furquim Júnior, L. *Multiversos*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2020a.
- Boulos Júnior, A. Multiversos: ciências humanas: trabalho, tecnologia e desigualdade. In: Boulos Júnior, A.; Cândido da Silva, A.; Furquim Júnior, L. *Multiversos*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2020b.
- Bronckart, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 1999.
- Cazden et al. *Uma pedagogia dos multiletramentos*. Desenhando futuros sociais. In: Ribeiro, A. E.;

Corrêa, H.T. (orgs.). Trad. Adriana Alves Pinto et al. Belo Horizonte: LED, 2021.

Matsumoto, P. S. S.; Catão, R. de C.; Guimarães, R. B. Mentiras com mapas na geografia da saúde: métodos de classificação e o caso da base de dados de LVA do SINAN e do CVE. In: *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, Uberlândia, v. 13, n. 26, p. 211-225, 2017. DOI: 10.14393/Hygeia132618. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/39737>>. Acesso em: 23 maio. 2023.

Nogueira, R. E. *Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais*. Florianópolis: Editora da UFSC. 2 ed. 2008.

Pires, C. de Q.; Aguiar, R. C. de; Tartaruga, I. G. P. *A importância da cartografia temática na análise de dados socioeconômicos*. Poster em Fundação de Economia e Estatística. 2016. Disponível em: <[https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/46242/Poster\\_6896.pdf?sequence=2](https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/46242/Poster_6896.pdf?sequence=2)>. Acesso em 23 mai. 2023.

Richter, D. A linguagem cartográfica no ensino em Geografia. In: *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 7, n. 13, p. 283, 286-287, jan./jun., 2017. Disponível em: <<https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/511>>. Acesso em 22 set. 2022.

Rojo, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: Meurer, J. L.; Bonini, A.; Motta-Roth, D. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial. 1. ed. 2014.

Santos, M. *Técnica, Espaço, Tempo*. São Paulo: Edusp. 5. ed. 2013.

Silva, M. Cm da. A noção de gênero em swales: revisitando conceitos. In: *RECORTE - Revista de linguagem, cultura e discurso*. Ano 2 - Número 3. 2005. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4998500>>. Acesso em 14 dez. 2022.

Tuler, M.; Saraiva, S. *Fundamentos de Geodésia e Cartografia*. 1. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2016.

Vigotski, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

Recebido em: 15/03/2024

Aceito em: 11/05/2024